

Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas?

Museums and ways of educating for freedom: wings or cages?

Museos y formas de educar para la libertad: ¿alas o jaulas?

Maria Amélia Gomes de Souza Reis¹
DOI 10.26512/museologia.v10i19.33993

Resumo

Este artigo traz por aforismo duas questões: Museus são asas? Museus são gaiolas? Reflexões analítico-críticas sobre as relações educação em museus e os desafios contemporâneos com vistas a uma sociedade libertadora nos conduziram a questionamentos: quais saberes metodológicos são mobilizados para ações educativas nos museus? Tomando por referência princípios teóricos e metodológicos que fundamentam a metodologia da *práxis* e o antagonismo de classes, identificável na dominação e subordinação que estrutura nossas sociedades, buscamos, a partir das práticas educativas e da formação profissional, preencher as brechas presentes na Museologia, que busca estatuto científico em meio às Ciências Sociais, tida como revolucionária.

Palavras-chave

Museologia. Museus. Educação. Metodologia da *Práxis*. Formação Profissional.

Abstract

This article aphoristically raises two questions: Are museums wings? Are museums cages? Analytical-critical reflections on education relationships in museums and contemporary challenges with a view to a liberating society led us to question: what methodological knowledge is mobilized for systematized educational actions? Taking as a reference the theoretical and methodological principles that underlie the praxis methodology and the class antagonism identifiable in the domination and subordination that structures our societies, we seek from educational practices and professional training to fill the gaps present in Museology in the search for scientific status amidst the Social Sciences as revolutionary.

Keywords

Museology. Museums. Education. Praxis Methodology. Professional Training.

¹ Doutora em Educação (2002) pela Universidade Federal Fluminense e Pós-Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra. Mestre em Educação UFF. Graduada e Licenciada em História Natural (1969) pela Universidade do Estado da Guanabara (UEG- Rio de Janeiro, atual UERJ). Professora de Ciências Naturais em todos os níveis de ensino - 1962/actual. Pesquisadora do Centro Interdisciplinar do Século XX - CEIS 20 da Universidade de Coimbra (2009-actual). Subsecretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro 1992-93; Presidente da Fundação Jorge Duprat de Saúde e Segurança do Trabalho - CNPQ/Ministério do Trabalho - 2013/16; Professora da pós-graduação em Educação (UniRio - 2002-2006); Professora da Pós Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - (2006-actual). Pesquisadora com vários livros e artigos publicados nacional e internacionalmente no campo da Educação e Museologia em suas várias intersecções - saúde; patrimônio cultural, âmbito escolar; crianças e adolescentes em risco social; direitos humanos ; interculturalidade, entre outros.

Resumén

Este artículo plantea aforísticamente dos preguntas: ¿Son alas los museos? ¿Los museos son jaulas? Las reflexiones analítico-críticas sobre las relaciones educativas en los museos y los desafíos contemporáneos de cara a una sociedad liberadora nos llevaron a cuestionarnos: ¿qué conocimientos metodológicos se movilizan para acciones educativas sistematizadas? Tomando como referencia los principios teóricos y metodológicos que sustentan la metodología de la praxis y el antagonismo de clases identificable en la dominación y subordinación que estructura nuestras sociedades, buscamos desde las prácticas educativas y la formación profesional llenar los vacíos presentes en la Museología en la búsqueda del estatus científico en medio de las Ciencias Sociales como revolucionarias.

Palabras clave

Museología. Museos. Educación. Metodología de la praxis. Formación profesional.

Introdução

Onde desembocam afinal as ondas de tudo o que há de grande e sublime no homem? Não há, para essas correntes, um oceano?
Seja este oceano: haverá um.
Nietzsche

Aqui estamos! Hoje mais que nunca, imersos em grandes pesadelos, quase à deriva quando se trata de considerar aquilo que se deve ou se pode considerar como a verdade. Afinal, trata-se de quê? De mudar a vida, as circunstâncias que a vida nos traz e o mundo em si mesmo? Afirmar o caráter trágico, como nos traz Nietzsche, como pensamento conveniente a toda e qualquer existência, a todo e qualquer modo de viver, educar, trabalhar e morrer significativa à necessidade de implodir teorias e categorias filosóficas tradicionais capazes de comprometer a leveza, a alegria e o elemento dramático do espírito que nos habita, por meio de rupturas, fugas e novos movimentos de pensar e agir. Torna-se importante um novo tipo de fazer, uma coragem de inquietar-se que torna necessário recuperar o rigor revolucionário de transformar pensamento em ação, como revolução em ato. Por isso, neste artigo se impõe pensar a história à contrapelo, dispensando seus excessos ou insuficiências, de modo a trazer, ainda que brevemente, das bases das Ciências Sociais, tomadas a partir de seus fundadores e clássicos a compreensão das metodologias pressupostas aos modos de educar nos museus alinhando seus pressupostos à própria Museologia como Ciência Social Aplicada, em busca de afirmação de um estatuto epistemológico e afirmação de seu teor científico.

Este artigo, uma espécie de comunicação que se quer transformadora da realidade que nos sustenta, surge como ecos reflexivos sobre uma proposta na qual articula modos libertadores de educação em Museus e sua ciência sociocultural - a Museologia, sem deixar de lado épocas e teorias daqueles que diagnosticaram e teorizaram contra pensamentos e teorias científicas que reificaram a teologia e filosofias dogmáticas presentes em suas épocas. Nietzsche, como exemplo, entre outros a serem citados, que negam o aprisionamento da linguagem numa espécie de dentro absoluto e afirmam que a vida é vontade, é querer ultrapassar, é querer ir além. Nietzsche, pensador absoluto como crítico voraz, aponta para o futuro, reforçando que a vida é luta contra a ilusão da transcendência e contra o vazio de certos conceitos que nos são oferecidos como escamoteadores dos dispositivos de poder que nos são impostos, conforme argumenta Michel Foucault em suas teses.

Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas?

Miguel Angel Barrenechea (2003:46-51) em suas reflexões no artigo *Nietzsche: memória trágica e futuro revolucionário*, aproxima-se da temática desenvolvida neste artigo, ao indicar que Nietzsche, filósofo que transcende ao seu tempo, ao almejar uma modificação qualitativa da humanidade, entende a importância de superar propostas burocráticas e meras transformações econômicas e políticas capazes de eliminar as injustiças da terra sem que se acredite plenamente em um futuro transformado, onde se imporá uma nova ordem à educação da humanidade. Suas reflexões e previsões nos apontam para os objetivos aqui contidos, ou seja, o de indicar novos rumos a essa educação para a humanidade posta sob os domínios de um capitalismo sem rosto, sem corpo, sem vida e explorador do homem pelo homem – uma educação inclusiva que possa atender a todos e todas em igualdade de condições. A partir desse pensamento, um convite a pensar modos revolucionários de educar nos museus, trazendo uma metodologia compreensiva para a Museologia, hoje ampliada para o novo, uma Nova Metodologia como inserida no movimento histórico das Ciências Sociais, da qual é portadora, e de um Museu igualmente concebido como humanamente social e solidário – um Museu e uma Museologia sustentada em uma práxis libertadora e em suas bases filosóficas .

Ressalta-se que Museus e os modos de educar para a liberdade, aqui se apresentam, trazendo em primeiro lugar um objetivo pedagógico que é o de possibilitar aos cursos universitários de Museologia e de formação profissional e às práticas educativas nos Museus o acesso às possibilidades práticas e teóricas de realizar a crítica das atuais teorias educativas efetivadas nestas instituições. Por outro lado, identifica-se nos inúmeros passos percorridos pelas Ciências Sociais e pela Sociologia, sua disciplina de saída, em sua longa história de conquistas por um estatuto e autonomia científica, passos epistemológicos importantes à compreensão das bases teóricas fundantes das propostas a serem apresentadas para uma educação e para uma Museologia com base na história das populações, de suas culturas e seus pensamentos originais, singulares e plurais, capazes de favorecer encontros com os diferentes e convivências libertadoras.

Este artigo vem cumprir, também, uma outra e sistemática posição: a de preencher vazios epistemológicos presentes na Museologia em articulação às práticas sociais fundadas no educativo e referentes aos Museus como possíveis de serem compreendidas a partir da própria história recorrente das Ciências Sociais/Sociologia e da Educação e, pensar-se reflexivamente – Museu, Educação Integral, Liberdade, Solidariedade e Democracia como marcas políticas da elaboração de nossos planejamentos no campo educativo – o que nos remete aos conceitos acima expressos... *asas para voar, criar e reinventar a VIDA, não gaiolas*, como nos alerta Rubem Alves (2004)², na medida em que Museus que são gaiolas existem *para que os pássaros desaprendam a arte do voo, são pássaros sob controle. Deixaram de ser pássaros...mas, a essência dos pássaros é o voo. Museus que são asas amam os pássaros em voo.* Pensemos, por que tantos regulamentos a cumprir – *nada toquem, andem em fileiras, não falem alto, não pode fotografar* – ouvidos por alguém que impõe poder de polícia, com sua vestimenta ameaçadora... no imaginário daqueles mais reprimidos socialmente, pobres, negros e os diferentes, porém, nenhum aviso mais sutil, meigo, sem agressividade que indique... *vocês estão em sua casa... assistam o que guardamos pra vocês – sua história humana, suas verdades históricas.* Ao contrário, indicativos de trilhas pouco visíveis, painéis que pouco explicam, mediadores que pouco sabem o que dizer, em geral roteiros

2 Alves, Rubem. *Gaiolas ou Asas: A arte do voo ou a busca da alegria de aprender.* Asa Editores (versão Portuguesa), 1ª Edição. 2004. Porto. Portugal. Depósito legal 2002-42/03

memorizados e descolados da linguagem dos diversos públicos a atender, roteiros inexplicáveis, temas genéricos iguais para todos, entre outras vertentes de atendimento que fogem aos interesses daqueles que visitam exposição, parques, etc

Os museus que todos desejam, existem *para dar aos pássaros a vontade de voar, não para ensiná-los o que já sabem, pois voar é seu saber ... assim, o voo só pode ser **encorajado***, mais uma vez recorro a Rubem Alves. Esse aforismo representa a ideia de um museu que oferece uma educação integral, não um quartel onde a disciplina e a classificação se encontra por toda parte. Parece-nos ouvir a questão... mas, e o tempo de assistência ao usuário, temos pouco tempo! Por isso, a importância do planejamento, pois as ideias começam a brotar quando o grupo pedagógico pensa junto, constrói junto e atua junto, em um coletivo de ideias que crescem e brotam sem donos, sem pretensões de cargos, somente com a voracidade de bem atender a todos.

A metodologia da educação integral, que parte dos humanos em sua totalidade, é fonte de criação, de construção da cidadania ativa, da presença e do lugar de todos, que em comunhão, despertam para a vida e para um futuro promissor. O projeto-político-pedagógico deve conter tais atributos, sendo ele a prevalência de todos os modos de aprender e ensinar, pois, como afirma Paulo Freire, *quem ensina também aprende*.

Assim, numa dobra/desdobra epistemológica presente nas práticas educativas nos museus e escovando a história à contrapelo, nos orientamos através das estradas epistemológicas que partem dos *icebergs* a serem ultrapassados com o rompimento de filosofias liberais, economicistas e degradadoras de nossa humanidade pela eclosão da metodologia da práxis em nossos fazeres educativos. Metodologia da *práxis* humana que, ao tomar por base o materialismo histórico dialético expressado por Marx- Engels, surge ao mundo filosófico como pano de fundo às construções das Ciências Sociais e da Sociologia, em particular no contraponto à filosofia positiva, estando firmemente nela assentada nos dias atuais, onde se reconhece a incorporação do marxismo como definitiva, na medida em que este traz em si a defesa de ultrapassar a filosofia pela ciência nas análises das realidades sociais, complexas, múltiplas e plurais, sem levar em conta a unicidade. Para a concepção marxista as relações contraditórias são sempre presentes e o saber social é sempre determinante, contraditoriamente ao positivismo onde o saber social é determinado, a partir da ideia básica da ordem e do progresso.

Na Museologia, este pensamento revolucionário relativo à educação, nos é firmado a partir das contribuições internacionais presentes nas discussões da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972), organizada pelo *International Committee for Museology* ICOM, onde toma preponderância o mundo, também contraditório epistemologicamente, das Ciências da Educação, a partir da Sociologia Pedagógica da Libertação erigida por Paulo Freire, no Brasil e para o mundo. Daí, questionar, reflexivamente, se desejamos um museu asas que dê asas à imaginação criativa ou a um museu gaiola, que sufoca os ineditismos e a persistência do livre pensar. Fatores que dificultam trazer a história e a memória de seus usuários e de seus patrimônios culturais, tangíveis e intangíveis, aos nossos tempos niilistas³, em que o efêmero e o provisório predominam e as inconsistências dos projetos e valores são vivificados.

3 Niilista – Existem vários tipos de niilismo. Nietzsche (1844-1900) propõe como base o conceito de ausência de sentido, a ausência de qualquer princípio. Para ele, do homem destituído de normas, crenças, dogmas e tradições, tendo por base o seu livre arbítrio, teria, por estes princípios, um homem novo que para o filósofo, seria a vontade de potência. Ou seja, seria um home livre e não corrompido – um Super-Homem capaz de transformar valores culturais e políticos.

Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas?

Para a consecução do projeto teórico-analítico aqui presente, nos pautamos por dar continuidade aos estudos e reflexões realizados em ações pedagógicas, desde 2010, na pós-graduação em Museologia e Patrimônio, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, bem como na formação acadêmica no campo das teorias da educação, tomando por base a indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa, onde destaco como pano de fundo a educação diferenciada e intercultural, o patrimônio cultural em sua multiplicidade e os museus em suas possibilidades de desenvolver uma educação integral, seguindo a práxis metodológica dialógica em seus fazeres, de modo: (a) formar mediadores e público a partir de situações socioculturais concretas nos museus; (b) entender os museus como espaço de reflexão sobre a importância pedagógica e ética de trazer à vida social o conviver com as origens das memórias e tradições étnico-culturais, de modo a desconstruir toda uma história de desqualificações, preconceitos e discriminações; (c) reconhecer a “força” de uma educação integral, como práxis humana, efetivada pelos museus para além das visitas contemplativas e ações pedagógicas escolarizantes. Deste modo, a importância de também escovar à contrapelo a prática educativa realizada nos museus, a partir da história das Ciências Sociais e de suas bases epistemológicas presentes na Museologia, de modo a fortalecer seus domínios teórico-práticos em seus limites epistemológicos, temporais e espaciais, na busca por fortalecer em sua história um estatuto e uma autonomia científica no campo das Ciências Sociais Aplicadas.

Neste artigo, portanto, privilegiamos tratar os museus de acordo com a definição do ICOM que entende o museu no sentido de interesse público, ou seja, democraticamente aberto a todos (2010).

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.

Propomos, a partir dessa inscrição, defender, a começar de uma breve análise das formulações históricas das Ciências Sociais em seus entrelaçamentos epistemológicos com o positivismo e o materialismo histórico, numa perspectiva de análise sócio-histórica, demonstrar a importância de uma dada metodologia mais alargada e de cunho revolucionário como capaz de relacionar o papel do Estado, das instituições sociais e das culturas diversas nos Museus, entendidos como instituições sociais e culturais eminentemente educativas e democráticas – a metodologia da práxis.

Trajetória histórica das Ciências Sociais e da Museologia: uma interseção em direção à práxis

A Museologia é uma ciência social recente, tomada como Ciência Social Aplicada, que busca solidificar seu estatuto e espectro científico em meio às teorias sociais e as realidades cotidianas constituídas. Nesse ponto, destaco a reflexão temática a desenvolver sob este subtítulo, que traz por mote identificar na trajetória das teorias sociais e da Museologia a abordagem metodológica crítica e transformadora como ruptura de uma visão das Ciências Sociais como Física Social apoiada nos métodos e critérios analíticos das Ciências Naturais, portanto aquela que deixa escapar as dinâmicas da vida social local e dos usuários das práticas sociais localizadas nos Museus.

Segundo Brulon (2017), Zbyneřk Zbyslav Stránský (1926-2016) cria os primeiros fundamentos da Museologia como ciência do Museu, de acordo com todos os parâmetros científicos e práticos indispensáveis a disputar lugar entre as demais ciências situadas no âmbito do Social (1965-1995).

Embora a instituição Museu fosse historicamente centro de conhecimentos e memória, de história e produtor de ciência em várias áreas do conhecimento humano, não possuía um aparato científico que pudesse lhe conferir o estatuto científico que, por exemplo, conseguisse profissionalizar seus alunos nas universidades ou dotar de suas pesquisas acadêmicas nos museus, era mais um curso técnico que apenas deixasse a outros as pesquisas em sua área específica. Sua primeira tentativa de reconhecimento científico somente é identificada como tal, na segunda metade do século XX, momento em que se reconheceu seu papel fundamental nas respostas às demandas da sociedade e de temas específicos ligados às relações sociais desiguais, à inclusão social e à necessidade da transformação social via museus (Brulon:2017:404). Funda-se a Museologia, com sua magia e princípios científicos fundamentados no século XXI, possuindo em tão pouco tempo, sem maiores discussões contraditórias, seu campo de conhecimentos voltados ao desenvolvimento de um museu Integral sob os alicerces de uma educação integral e, reconhecida como Ciência Social dinâmica e presente ao campo das relações sociais, o que não poderia deixar de ser, por estar constantemente no combate às desigualdades sociais, culturais, de gênero, sexuais, físicas e mentais tomando por base a determinação social de seus métodos. A Museologia, pois se assenta na história das Ciências Sociais como recorrente das teorias sociais de uma educação que articula práticas sociais e conhecimentos teóricos, sendo em sua radicalidade essencialmente transformadora.

Importante ressaltar em nossas reflexões, que todo conhecimento, como teoriza Deleuze & Guattari (1995-2000:32), se dá em forma de rizoma, esse compreendido como estrutura capaz de conectar um ponto qualquer com outro de características diferentes, como num jogo de signos diversos e não-signos. Este rizoma, semelhante às gramas que vicejam nos jardins, é realizável por dimensões semoventes, diferente da metáfora em árvore, que possui uma raiz axial e profunda que a sustenta, projetando galhos que tem um fim. O rizoma, se destaca por linhas de segmentaridade, de estratificações, como dimensões, mas também com linhas de fuga ou desterritorializações como estrutura máxima segundo a qual, o múltiplo se transforma mudando de natureza. *O rizoma se refere a um mapa, conectável, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga, lugar de todo devir, de todo conhecimento novo construído pelos sujeitos em sua aprendizagem da vida e das ciências do mundo. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio”* (1995/2000:37).

A concepção de Deleuze & Guattari sobre a ideia de rizoma como fundamento do pensamento humano e do nosso modo de conhecer, serve-nos como paradigma para compreender que o que rege o conhecimento humano pode ser exemplificado como estruturas semelhantes às raízes rizomáticas que se espalham pelo solo com seus ramos dispostos à distância e, que dali podem gerar novos exemplares da espécie, formando novas estruturas de raízes capazes de se ampliarem. Essa ideia torna possível reconhecer a possibilidade da interconexão dos diferentes saberes a partir das linhas de fuga de onde se formam novos rizomas, fator relevante para o importante papel da inter/transdisciplinaridade presente nos novos constructos. Ou seja, o conhecimento se dá a partir da complexidade, sendo os conhecimentos sistemáticos das ciên-

Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas?

cias exatas, sociais e humanas inseparáveis dos saberes próprios trazidos pelos usuários das instituições educativas ao solo fértil da memória, da história, dos patrimônios e das culturas diversas daqueles que procuram os Museus para entenderem a história daquilo que são e que poderão vir a ser em futuro próximo – rizoma, pluralidade, linhas de fuga, outros rizomas e outras linhas de fuga... condições indispensáveis aos modos de conhecer nos Museus.

Contrariamente às ideias transformadoras, trazemos a este estudo, inicialmente, o pensamento de Augusto Comte que, com base no processo de construção do conhecimento, o admite como árvore, portanto, entendendo as Ciências Sociais como física social que as libertam, tanto das epistêmes deontológicas quanto da metafísica, como projeto científico presente em sua época – século XIX. Sustentadas nas experimentações e comparações identificadas aos fundamentos das leis naturais invariáveis a regerem os fenômenos sociais, considerava as ciências sociais como ciência positiva compreensiva aos fatos e não aos valores presentes na realidade social. O Ideário comtista origina-se no ideário da ordem e do progresso proposto pelo positivismo sendo, portanto, contrário ao materialismo histórico dialético e ao pensamento socialista. Os primeiros sociólogos, cabe lembrar, foram homens da ciência e da técnica e transferiram para o conhecimento da realidade social o estatuto positivo das ciências da natureza e de seus métodos ainda com base na filosofia.

Durkheim, outro signatário de sua época, traz também em suas teses o objetivismo positivista, para ele os fatos sociais são coisas e os fenômenos sociais são objetivos e exteriores aos sujeitos que os provocam, portanto sujeitos e objetos são distintos e a neutralidade axiológica dirige-se apenas ao sujeito que deveria *despir-se dos preconceitos ou pré-noções para captar a realidade objetivamente dada, empírica e não construída pelo sujeito que apenas conhece para transformar depois* (Braga da Cruz, 2004:XI).

Pareto, Tonnies e Simmel, ainda em Braga da Cruz (2004:XII), trazem modificações à relação sujeito-objeto-método e passam a entender que nas Ciências Sociais é o homem que estuda as relações sociais e, ao mesmo tempo, é estudado por elas. Com Max Weber a subjetivação do social atinge seu ponto máximo, surgindo um novo objeto, as ações sociais e, como interpretação dos fenômenos, um método duplo, ora generalizante ora individualizante.

Como vemos, ao falar de Ciências Sociais em seus avanços, nos referimos também às teorias sociais no plural, na medida em que não se pode contrapor teoria e história, como se fez ao repetir-se o quantitativismo próprio nas Ciências Naturais. A ausência da historicidade confere estaticidade à própria ciência, desmarcando inclusive seu estatuto e sua legitimação científica. Assim, as Ciências Sociais, em seus percursos ao possuírem seu tempo social e histórico, são detentoras de teorias datadas e representam o presente como história. História que se repete como política e como conhecimento rizomático, carregando em si a educação presentificada nos Museus e em sua ciência a Museologia que se desdobra em narrativas: narrativas de um povo, narrativas de um mundo.

Estas ciências, como a Sociologia e, também, a Museologia, devem ser entendidas como um esforço por compreender o presente como história e poder, de modo a indicar a sua relatividade temporal presente na atualidade histórica dos espaços sociais e, completa Braga da Cruz “*a sua validade é pois limitada, e está condenada a ser ultrapassada pela própria dinâmica da realidade e do conhecimento que dela tivermos*” (2004:XV).

Assim dito, com base nas teorias emitidas por alguns autores consultados, para além dos fundadores, passaremos a tipificar algumas teorias sociais

que tendem a indicar o caráter revolucionário da educação e, possível de acontecer nos Museus, como forma de uma Museologia revolucionária, capaz de dar conta do paradigma que nos coloca a necessidade de impor um movimento histórico e emancipado das razões monistas, ainda presentes nas instituições educativas que descartam as memórias e as histórias das populações diversas que as procuram na busca por conhecimentos e ascensão cognitiva e intelectual. Continuemos, portanto, na busca pela práxis que renova e transforma como alerta Paulo Freire (1979) em seus diálogos cotidianos com a sociedade.

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver e encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros, o direito de dizer sua palavra. Direito deles de falar e o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente como quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor. Dizer-lhes sempre nossa palavra sem nos oferecer-nos a eles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo sempre autoritário.

Chegamos a vez de refletir a partir de filosofias que podem modificar o ambiente educativo nos Museus. Em Marx e suas teses contrárias ao materialismo idealista presente em Feuerbach nos lembra, que a verdade objetiva não se reduz a uma questão de teoria, mas de prática, na medida em que as coisas, as realidades sociais são subjetivas e como atividade sensível humana, portanto, como práxis. É nela, afirma, ainda, que os sujeitos devem comprovar a verdade e o poder como caráter humano de seu pensamento, sendo este, o novo que se coloca à sociedade humana, uma humanidade socializada.

Em *A ideologia Alemã* (Marx&Engels, 1987:126), Marx crítico de seu tempo, ao teorizar sobre a classe dominante como produto de uma consciência dominante, afirma: *as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante*. Nesta obra, Marx recupera a importância de sua teoria das classes sociais para toda compreensão ampliada daquilo que destaca como classe dominante em suas teorias construídas sobre o papel das sociedades no modo de produção capitalista e seu poder sobre a economia, trabalho e a vida das populações, maioria das vezes poder dissimulado em torno das relações sociais presentes em todo mundo do mercado e do capital.

O positivismo como fundamento ideológico de todo capitalismo, ao congelar tanto o ser humano como a própria história, ignora paradoxalmente, ao dar ênfase à objetividade, à teoria pura e aos valores tomados a priori, que tais noções são consequências do desenvolvimento e da dimensão histórica em que se inscrevem. O positivismo, ainda, ao reduzir o conhecimento à exclusividade da ciência e esta à primazia do método, limita a atividade científica à descrição, à classificação, à generalização dos fenômenos, sem cuidar da distinção entre o que não é importante e o essencial.

Evidenciamos, diante dessa premissa, que cada homem participa de uma substância humana que se realiza como história e como sociedade, nunca como indivíduo isolado, sempre como Humanidade. Fato frequentemente mascarado pelas diversas estratégias promovidas pelo positivismo em seu afã de ignorar os fatos históricos e os apelos dos movimentos sociais contrários à manutenção do *status quo* reinante.

Esta linha de pensamento, ao tomar a a-história, que subtrai as diferenças presentes nos movimentos e nos dinamismos sociais, ao silenciar a diversidade

Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas?

social, cultural, valores de classe, além de divergências e contradições sempre antigas, tais como os diversos tipos de racismos e desigualdades socioculturais, propugna uma falsa ideia de harmonia e uniformidade aos fenômenos sociais, confirmando o ideário no qual o homem coisificado se torna mero suporte explorado do capital, não como sujeito autônomo e trabalhador livre.

Em relação à identidade social e cultural, na perspectiva dialética deste trabalho, que é entendida como produto e processo, as relações sociais que constroem as estruturas sociais sugerem continuidades e transformações, diferentemente das sociedades positivistas que, ao normatizarem e padronizarem identidades, as determinam, juntamente com os papéis sociais, que passam a se apresentar apenas como um dado nas camuflagens do processo constante e dinâmico de suas produções sociais aparentes.

Todavia, é possível construir modos de aprender e ensinar nos Museus, em uma sociedade desonesta, desenvolvendo modos eficazes de crítica que se situam em meio às interações entre o individual e o coletivo, embrenhadas que são nas múltiplas e plurais práticas sociais sob o escopo do pensamento dialético, aqui referenciado em substituição às formas educativas positivistas e reiteradas em nossa maneira de viver e pensar a vida mesmo nos dias atuais. Ou melhor, em nossas sociedades mundiais sob o império desumano do mercado, sob todas as coisas e sobre todos os seres humanos, escravizados pelo ter e pela loucura da ambição desmedida, se colocam muitas vezes contrários aos seus próprios interesses de classe social, raça, dimensão sexual e de gênero.

Ano após ano letivo, realizamos com os alunos da disciplina eletiva do curso de pós-graduação em Museologia e Patrimônio, na universidade federal, na qual leciono e oriento alunos de mestrado e doutorado, pesquisas participativas em museus escolhidos pelos estudantes de modo a observarem e, por fim, analisarem a partir dos conteúdos acadêmicos sugeridos em aula, os modos de atuação (metodologias aplicadas) nas práticas educativas presenciadas nas instituições selecionadas. Assim, destacamos algumas análises efetivadas em dois museus, onde se pode observar a diversidade da base filosófico-teórica e as práticas educativas dela resultante.

MUSEU 1	MUSEU 2
Incongruência entre as informações do material informativo e as atividades desenvolvidas: ora dedicam-se à educação não-formal e formal ora apenas à educação formal- confundem Museu e Escola.	Em diversos momentos a atenção do público se volta para os orientadores de sala que deixam envergonhados os visitantes pela forma com que são advertidos.
O setor educativo é constantemente consultado pelos demais setores quanto ao caráter educativo de suas ações diversas. Fato inco-mum em outros museus.	Os orientadores de sala maioria das vezes parecem vigilantes que cumprem ordens que atendem apenas questões relativas à organização da sala; à preservação das obras e não à interação possível entre visitantes e as obras.
Existe preocupação com a metodologia de educar e como esta pode ser transformadora para a vida das pessoas.	Visitas guiadas consideradas participativas são dirigidas por aqueles que pouco ou nada sabem de arte.

<p>As entrevistas confirmam que o setor prioriza o trabalho com o público vindo da educação formal - escolares.</p>	<p>Os discursos da orientadora-educacional (guia) são notadamente expositivos com espaços de intercâmbio e participação apenas para aqueles que dominam o conteúdo exposto ficando os demais visitantes sem qualquer oportunidade para intervenção fato evidente nos semblantes do público e em suas reações ao recorrerem a outros mecanismos de compreensão da obra como registros de figuras e cópias das legendas, deixando de lado as questões que fazem parte da essência de compreensão da obra.</p>
<p>O museu foi criado tomando por base o Construtivismo em Piaget passando a Freire com a promoção de ações e exposições interativas e dialogais entre o mediador das visitas e o público visitante.</p>	<p>O guia educador em geral se utiliza de fichas-técnicas das obras para acompanhamento das visitas com inúmeras referências e interpretações das obras sem possibilitar ao grupo de visitantes nenhum tipo de intervenção.</p>
<p>O PPP (Plano Político Pedagógico) passa por reformulações avançando para referenciais teóricos marxistas-progressistas que possibilitem respaldar ações que contemplem a relação do Museu com a comunidade, buscando a “conscientização associada à ideia da promoção social da saúde” (Paulo Freire e Vygotsky).</p>	<p>A partir das narrativas ouvidas ficou evidente que o departamento de educação não interfere em nada com seus conhecimentos nas ações da curadoria e que para tal existe profissional capacitado.</p>
<p>Compreendendo que vozes e silêncios também são discursos percebemos pelas entrevistas que este museu embora indique a importância da participação da comunidade do entorno com seus interesses específicos todo planejamento não conta com a opinião da população na sua formulação.</p>	<p>Acesso dificultado ao departamento de educação contato apenas com guia educador em visita guiada.</p>
<p>O museu se apresenta como um prestador de serviço à sociedade sem que esta seja incluída na elaboração do planejamento. Ou seja, são “ações para a comunidade” e “não com a comunidade”.</p>	<p>As propostas do museu na página web são mencionadas as ideias de inclusão e abertura à comunidade, porém tais ideias não escapam das aberturas apertadas presentes nas propostas do museu – comunidade espaço passivo de participação.</p>
<p>Embora a interculturalidade não tenha sido um tema diretamente abordado nas entrevistas ou nas documentações que nos foram entregues, através de uma análise crítica do material disponível sobre as ações do Museu podemos afirmar que a instituição busca ações interculturais na execução de seus projetos.</p>	
<p>Nas visitas mediadas, os profissionais buscam dar espaço de voz dos visitantes, independente da cultura, idade, religião ou grupo social, estabelecendo um momento de troca de informações muito rica, de encontro de mundo, de respeito pelo outro e pelo diferente.</p>	

A configuração da programação educativa pesquisada nos museus estudados pelos alunos integrantes da pós-graduação, na disciplina por mim ministrada, denominada *Museologia, Patrimônio Educação e Interpretação*, indicaram a presença constante da configuração dominante entre raras exceções.

Nas narrativas ouvidas e práticas realizadas consolidaram-se um caráter aparentemente inorgânico como resultado da junção de diferentes perspectivas ideológicas e diversas perspectivas metodológicas, na maioria das vezes de uma mesma matriz positivista ou complexificada pela presença de uma posição dialética. No primeiro museu estudado evidencia-se a maior compreensão dos modos pedagógicos de agir, através de uma metodologia que exige a participa-

Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas?

ção coletiva dos possíveis visitantes desde sua concepção a partir de atividades planejadas e capazes de atender a todos em suas diferenças. Ao aderirem à maior complexidade dos conhecimentos a serem apresentados ouvem mais, falam menos e explicam com maior brilho àquilo que lhes for colocado como questão a ser resolvida por todos. Sistematizar e provocar novas reflexões ao público, trazer novos questionamentos e ouvir questões inusitadas propiciaram também reflexões mais apuradas ao educador-mediador, induzindo seus pensamentos a avançarem em sua mente, provocando em cada um a surpresa da construção de novos conhecimentos a partir do outro, da cultura e das vivências diferenciadas... o mistério se dará, e com ele a força do conhecimento para todos... Afinal, nunca estamos sós no mundo coletivo do aprender tomando por base uma metodologia coletiva de pensar, de viver e aprender a ler o mundo. No segundo museu, o contraditório presente. As ações se comprometem com etapas educativas calcadas no positivismo e em suas determinações inerentes, em forma e conteúdo em separado, onde o mundo sensível é apenas objeto, não atividade sensível realizada pelos homens... nela, os homens são coisas e não existe subjetividade. À equipe caberia por propósito afastar os conhecimentos trazidos pelos visitantes, quer eles usuários comuns, geralmente turistas, quer alunos de escolas privadas ou públicas em busca de maior conhecimentos complementares àqueles de seus planos escolares. Certamente, tais performances confundiam a totalidade do homem em meio às suas relações sociais, fragmentando e isolando conceitos, separando a ciência da vida e o homem do conjunto da história e da memória da sociedade presente no museu em estudo.

Diante das perspectivas apresentadas, para além das ideias presentes nos fundadores e nos clássicos, foi possível observar hiatos localizados entre teorias, tanto com base positivista como materialista histórica e dialética. A primeira está pressuposta à educação em um Museu onde os modos de educar (metodologias) criam identidades universalizadas seculares, homogeneizadas e padronizadas, que se prestam a impedir explicações das realidades sociais e culturais de forma completa e integral. Quanto à segunda, os Museus devem levar em conta a história de todos, suas vivências culturais diversas, estimular suas potencialidades artísticas individuais em relação às suas vivências culturais e suas identidades singulares que possuem origens plurais e se prestam a compreender o mundo real em suas experiências múltiplas e concretas.

Após, o até aqui exposto, importante se torna, sem pretender esgotar o tema, indicar que as condições que emergem da educação libertadora e emancipatória, proclamadas por Paulo Freire, autor de vários livros sobre a educação que liberta, trazidas ao seio da Museologia e das práticas do museu, pela referência do seu poder de transformação social, nos possibilita compreender que “revoluções” são possíveis, em particular, aquelas que já se fazem presentes, materializadas no educativo dos museus no século XXI. Como é sabido, o pensamento educativo de Paulo Freire é um projeto emancipador. Em seus “círculos de cultura” já incluía a denúncia das experiências de dominação que desempoderavam os humanos, como também a afirmação da capacidade criadora do homem, face a transformação de si e da sociedade opressora. Para ele, educador e educando, ambos em comunhão criadora, libertam-se mutuamente para chegar a ser, ambos, produtores de novas experiências e novas oportunidades criativas na busca por novos caminhos. Nesse sentido, a educação como prática da liberdade, é práxis, é ato de conhecimento com a aproximação crítica da realidade que se exercita. Reafirma o autor, em a Pedagogia do Oprimido (1996).

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promover-lo em sua própria linha.

Freire informa que, para vencer o instituído presente na tradição e no cotidiano rotineiro, não se deve procurar nas ideias e nos conhecimentos exteriores e distantes, mas na crítica da tradição, das ideias, dos conhecimentos e das políticas forjados por aqueles que se conformam. Nesse sentido a importância de desvelar-se no trabalho cotidiano das populações e em seus interesses particulares, priorizando suas intenções com a existência dos museus, entendendo-os como Scheiner “lugar de vida” cuja preocupação maior seja com as condições integrais das pessoas, com o global contextualizado em suas opressões e as necessidades de mudanças sociais e educacionais.

Em particular, Paulo Freire se coloca contra a neutralidade da ciência e suas premissas colonizadoras, voltando sua atenção para a relação da educação e seus processos canonizados: “O mito da neutralidade da educação: isto significa, ser impossível de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral, de outro uma prática política esvaziada de significação educativa”. No entanto, admite “não ser possível pensar, sequer a educação, sem que se esteja atento a questão do poder” (FREIRE, 1979).

Marx, filósofo presente às teses de Freire, ao realizar a crítica às filosofias idealistas que dão sustentação ao modo de produção capitalista, não deixa de trazer ao debate o caráter de classe da educação e de suas metodologias na modernidade. O conhecimento que se vem acumulando sobre a educação nos museus, vem priorizando conteúdos e metodologias com cariz escolarizante. Todavia, embora ambos os aspectos estejam interligados, passam por compreensões em campos distintos, o que tem dificultado uma análise mais profunda da realidade da educação em museus na medida em que, enquanto o primeiro interessa prioritariamente à cultura, à memória, ao patrimônio e à tradição, o segundo interessa ao campo da educação, da pedagogia e da sociedade, apartados de suas dimensões em que se unem pluralidade e diversidade. Desta forma, com estes enfoques desarticulados, poucos resultados analíticos se vêm obtendo e o debate e as reflexões do campo frequentemente abandonados à voz corrente tornam-se vazios perdendo-se no limiar da mesmice.

E, agora... museu-asa ou museu-gaiola? A educação pela práxis é possível? Para não concluir

Voltemos ao início, ao nosso teórico da educação Rubem Alves, em sua obra, *Gaiolas ou Asas: a Arte do voo ou a busca da alegria de aprender e ensinar*. Aqui vale algumas perguntas, que me perdoem os incrédulos ou radicais ideológicos: nossos Museus serão gaiolas ou serão asas? Dizem que neles se deva exercitar o conhecimento das diversas memórias e tradições de povos distantes na história. Conhecer seus patrimônios culturais materiais e imateriais... isso é muito bom! Mas, em suas formações profissionais, mediadores, planejadores, diretores, curadores e chefes de equipe conhecem noções básicas para proporcionar aos visitantes, que possuem também patrimônios e culturas múltiplas e plurais, uma visita tão agradável que tenham o desejo de retorno à instituição?

Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas?

Afinal, sabe-se que atualmente o mercado descobriu o museu para apresentá-lo como forma de acumulação do capital, através de formas midiáticas de exploração, ficando às moscas os museus tradicionais com seu melhor acervo histórico e compreensível às atividades educativas. Ainda deixamos outras perguntas que não querem calar: o Museu oferece as melhores condições para apresentar seu acervo a todas as pessoas entre elas aquelas que possuem limitações físicas ou mentais? Conhece, por exemplo, as cargas de sentimentos de exclusão dos usuários que nunca visitaram esta instituição, por não se sentirem à altura de sua história trágica erigida pela classe dominante? Enfim, ainda pergunta-se: os conhecimentos dispostos à visita servem-lhes para entendimento da história do mundo, mas ... lhes serve para que mundo? Para que gente? Para que gente onde igualdade, fraternidade e liberdade efetivamente existam? Mas, e a vida, as culturas diversas, as convivências patrimoniais de nossa Humanidade? São focalizadas com constância e consistência nos museus?

Deste modo, ao pensarmos sobre o museu educativo que se deseja construir/reconstruir e que se quer crítico e renovado em seus limites como instituição produtora de conhecimentos e artífice da transformação social, bem como apontar esse novo Museu que se inscreve em uma nova Museologia, que se constrói emancipatória, será expor suas contradições com efetiva e verdadeira clareza, de forma a limpar o campo das ideias performáticas e incorporar o conjunto de significados e relações cientificamente calcadas na realidade concreta e nos interesses comuns da maioria das populações ao seu conjunto de verdades contextualizadas historicamente, ou seja, será contar a História não contada nas escolas e muito menos nos Museus.

Os burocratas que, por vezes, pouco entendem o que se conceitua como educação integral, educação pela práxis transformadora ou, uma educação realizada em um museu-asa, projetam programas, planejam semanas de arte, exposições e demais atividades sem ao menos saber a quem elas se dirigem ou, se conhecem, deixam de lado a participação daqueles que sabem sobre o lugar de onde vêm e para quem estão ali, ou se conhecem com plenitude o território onde se encontra o museu - seu lugar social e comunitário, tais conhecimentos são desprezados, são tábulas rasas. Seus/suas profissionais distintos, desde os vigilantes até os diretores, profissionais da educação – seus mediadores, pouco sabem sobre seus usuários, seus visitantes turistas, os estudantes que o procuram ou são levados arbitrariamente àquele lugar que seus pais nunca foram e que nem se interessaram em levá-los, sua comunidade do entorno, seus agentes, estagiários e, se revestem do poder de criar, além dos programas, mecanismos exaustivos de cuidados para proteção do acervo e da propriedade -vigiar e punir, lembra-nos Michel Foucault. Não estou a evocar eliminação dos cuidados e da blindagem ao acervo, mas certamente existirão meios de proteção, sem ferir a integralidade da pessoa humana, ao indicar descuidos com materiais que as pessoas em sua diversidade cultural não conhecem, nem mesmo, sabem se comportar em lugares diferenciados de suas vivências.

Aqui, conto um caso relatado pelo jornalista e cacique Ailton Krenak⁴ de modo a fazer entender a importância de se conhecer as diferenças culturais e suas crenças: conta ele, uma não-índia foi viver entre os indígenas e em dado momento comenta... *tento me aproximar das mulheres mas elas sequer me olham... responde o cacique mas elas não a veem mesmo pois acreditam que você é um es-*

4 Ailton Krenak da tribo Krenak (quer dizer, cabeça na terra em sua cosmovisão), na live Espiral dos Afetos, 11/04/2020. Ideias para adiar o fim do mundo. Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense . Rio de Janeiro

pírito. Ou seja, a maioria das culturas indígenas acreditam em espíritos e ela, em sua diferença era tida como um espírito. Por outro lado, o racismo estrutural que perdura com o positivismo traz também aos Museus uma ação educativa que não entende “os outros” da cultura que não os veem com o mesmo olhar.

Lembramos, ainda, que tais programas e planejamentos educativos em museus entre misturas epistemológicas, abrigam retalhos que podem servir a variados tipos de vestimentas. A Educação nos museus se caracteriza por utilizar *ferramentas* (formas, nomes, poucos conteúdos contidos nos acervos, para além daquilo que são indicados pelos conhecimentos das ciências exatas, humanas, sociais, das diferentes memórias de um povo, artes presentes nos acervos musealizados, porém, na maioria das vezes, sem articulações em suas profundidades históricas e relacionais). Porém são *brinquedos/jogos/brincadeiras e todas as formas artísticas de conhecer o mundo, de vivências e convivências* que nos permitem voar, professores/ mediadores, visitantes e estudantes pelos campos majestosos da alegria, da cor, da vida, do amor e da solidariedade nas descobertas do mundo, sempre em movimento, sempre em revoluções cotidianas. Nos planejamentos devem constar, para que todos saibam e possam melhor exercer seus ofícios: isso é *ferramenta*, vamos fazer assim!!!... isso é *brinquedo*, vamos criar na convivência, na disciplina não imposta, no prazer... é assim que fazemos: esta é a diferença entre a maneira positiva de ver o mundo e a forma de fazer pelo diálogo, pela práxis no encontro, pela liberdade que se ensina e aprende no cotidiano de viver e experimentar o mundo.

Referências

Alves, Rubem. *Gaiolas ou asas: A arte do voo ou a busca da alegria de aprender*. Asa. editores S.A. Porto. Portugal, 2004.

Barrenechea, Miguel Angel de. Nietzsche: memória trágica e futuro revolucionário. Charles Feitosa, Miguel Angel Barrenechea, Paulo Pinheiro (Orgs). *A fidelidade à terra: arte, natureza e política. Assim falou Nietzsche IV*. DP7A Ed., Rio de Janeiro, 2003.

Brulon, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbyneřk Z. Stránský e a Escola de Brno. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.25. n.1. p. 403-425. jan.-abril, 2017.

Cruz, M. Braga da. *Teorias Sociológicas: Fundadores e os Clássicos*. Vol. I. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2004.

Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. História da violência nas prisões. 18ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. *Mil Platôs: capitalismo. e esquizofrenia*. Vol I. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

Marx, Karl & Engels, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Ed. Huictec, 1987.

Reis, Maria Amélia. *A sexualidade, o ensino de Ciências da Saúde na escola pública: pela busca do exercício da cidadania*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 1992.